Uma reflexão sobre o significado e a prática do trabalho no âmbito de um sistema de governação familiar

Em todas as tradições espirituais do mundo, há uma ênfase na descoberta e na realização, por parte de cada indivíduo da comunidade, do trabalho significativo para o qual é chamado. Este processo de descoberta e realização é reconhecido como um elemento crucial na jornada de cada indivíduo, primeiro rumo à idade adulta e, posteriormente, rumo à felicidade[1]. Aprender a trabalhar é o processo de aprender disciplina com o objetivo de estabelecer a própria dignidade como pessoa. A conclusão bem-sucedida desta jornada por parte dos indivíduos que compõem a tradição espiritual é também vista em cada um desses grupos como a base para o crescimento de uma comunidade próspera. Este processo de descoberta e realização individuais através do trabalho é igualmente essencial para o crescimento de uma família florescente. Afinal, uma família é uma forma de comunidade e, tal como todas as comunidades, a sua força é igual à soma das suas partes individuais. As famílias que procuram superar o provérbio cultural universal «de mangas de camisa a mangas de camisa em três gerações» começam por decidir que a preservação da riqueza familiar a longo prazo depende da decisão de toda a família de que a sua missão é potenciar a busca individual da felicidade de cada membro da família. A riqueza de uma família define-se como o seu capital humano, intelectual e financeiro. Estas famílias sabem que a prática familiar mais comum, em que a geração mais velha pede à geração mais nova para sonhar os sonhos da geração mais velha, acabará por frustrar os esforços de preservação da riqueza da família. Sabem, tal como eu acredito, que ninguém pode sonhar o sonho de outra pessoa. Na minha opinião, o segredo para o sucesso da preservação da riqueza familiar a longo prazo

reside no facto de a geração mais velha perguntar à mais nova: «O que te apaixona e como posso investir nisso?»; Ao descobrirem o que apaixona cada membro da geração mais nova, tanto os membros mais velhos como os mais novos da família começam a reconhecer o trabalho que melhor preencherá as jornadas de vida para as quais a geração mais nova é chamada. Uma vez definido esse trabalho, a família pode então investir no processo através do qual cada indivíduo aprende a desempenhar o trabalho para o qual é chamado. Através deste processo, a que chamo «descobrir a vocação secundária para conhecer a vocação principal», surge clareza sobre o significado do trabalho no seio da família.

Partindo do princípio de que uma família adota esta estratégia, há um mito cultural na sociedade americana que deve ser imediatamente exorcizado do seu sistema de crenças: a ideia de que apenas o trabalho assalariado é um trabalho admirável. Até ao final do século XIX, a maior parte do trabalho na sociedade era agrícola ou artesanal. Nas sociedades agrícolas, as famílias trabalhavam principalmente para se sustentarem. Se houvesse algum excedente, este era entregue ao governo como contribuição financeira para os setores militar e judicial da sociedade, a fim de garantir a defesa externa e a ordem interna. Nos setores artesanais das sociedades pré-industriais, o artesão fabricava e vendia ou trocava os seus próprios produtos, ficando diretamente com qualquer lucro. Raramente homens e mulheres trabalhavam para outros a troco de um salário. Com o advento da sociedade industrial, surgiu a necessidade de as pessoas trabalharem em organizações estruturadas. Esta necessidade conduziu ao sistema de trabalho assalariado que hoje definimos como a única forma de trabalho significativo. Assim, até recentemente, o trabalho de um indivíduo não era definido pelo salário que auferia, mas pela contribuição que dava para a sua autoestima e para a compreensão do seu papel na família e na sociedade. O trabalho era a forma como o indivíduo se definia dentro da comunidade e como, da mesma forma, a comunidade o avaliava.

Na minha experiência com famílias americanas no início do século XXI, descubro cada vez mais que muito poucas delas têm uma compreensão histórica de como avaliar o sucesso do trabalho na vida de um indivíduo. Muito poucas leram a visão moderna deste tema como «estar em fluxo», de Mihaly Csikszantmihalyi [2], ou como alcançar a felicidade na visão antiga, tal como articulada por Aristóteles na Ética a Nicómaco. Quer os membros da família percebam a importância da questão do trabalho através da perspetiva de uma visão moderna ou antiga, acredito que concluirão que as questões centrais de hoje relativas ao trabalho são as mesmas questões profundas que sempre foram colocadas: «O indivíduo

a realizar o trabalho para o qual foi chamado?" e, em caso afirmativo, "Está ele ou ela a dedicar-se a esse trabalho com o objetivo de o dominar pessoalmente?"; Em alguns casos, salários significativos e até grande riqueza financeira podem resultar da busca de um indivíduo pelo trabalho para o qual foi chamado. Muito mais frequentemente, dado o vasto número de opções de trabalho disponíveis e a singularidade de cada indivíduo, isso não será o caso. Para uma família que procura preservar a sua verdadeira riqueza — o seu capital humano e intelectual —, o resultado que a família espera da escolha profissional de cada indivíduo é que sejam pessoas saudáveis e que aprendam ao longo da vida. Só com membros da família assim é que a família pode esperar sustentar-se. Acredito que o fator mais importante para avaliar os méritos do trabalho de um indivíduo é saber que todo o trabalho tem igual valor para o sucesso da família, desde que cumpra o critério de conduzir a pessoas saudáveis e que aprendam ao longo da vida. É claro que o sistema familiar deve produzir o capital financeiro necessário para se sustentar. Embora os membros que se dedicam a trabalhos que geram capital financeiro sejam de grande importância, não são, nas palavras de George Orwell, «mais iguais do que os outros»; são simplesmente indivíduos que, através do processo de primeiro se procurarem e depois se conhecerem a si próprios, seguem o trabalho para o qual são chamados.

Uma vez dissipado o mito do trabalho assalariado como única medida de trabalho útil no seio de uma família, esta pode avançar com sucesso para o desenvolvimento de um processo destinado a ensinar cada um dos seus membros a trabalhar. Como referi no início desta reflexão, aprender a trabalhar é o processo de aprender disciplina com o objetivo de estabelecer a própria dignidade como indivíduo. Na minha opinião, a natureza do trabalho é irrelevante; é aprender a trabalhar que constitui o elemento crucial na jornada de um indivíduo rumo à idade adulta e, em última análise, à conquista da sua felicidade individual.

Como é que aprendemos a trabalhar? Primeiro, tornamo-nos aprendizes de um mestre. Em segundo lugar, aprendemos a realizar o trabalho de um oficial. Em terceiro lugar, alcançamos o domínio pessoal do trabalho para que possamos cumprir as jornadas da vida para as quais somos chamados.

Hoje em dia, com demasiada frequência, permite-se — e muitas vezes incentiva-se — que as pessoas evitem o papel de aprendiz. Este padrão é mais prevalente, na minha experiência, em famílias privilegiadas e, particularmente, em famílias cuja primeira geração vive e criou um capital financeiro muito substancial. Para estas famílias, muitas vezes parece mais fácil — e mais generoso — que a geração mais velha compre aos membros da geração mais jovem

a cargos de chefia em organizações ou simplesmente promovê-los dentro das organizações familiares. Estes atos de generosidade são, na verdade, práticas que frustram o processo de autodescoberta através do trabalho. Pior ainda, se o trabalho atribuído não corresponder à vocação do indivíduo, a falta de entusiasmo que isso gera leva frequentemente a vidas improdutivas e sem valor, cheias de raiva e desprovidas de autoestima. Na pior das hipóteses, leva a que filhos e netos, devido à frustração pessoal, acabem por se tornar «beneficiários de fundos fiduciários» viciados em remessas. Estes obstáculos ao crescimento devem ser evitados e a família deve encorajar ativamente os seus membros a não evitar o estágio como um passo fundamental na aprendizagem da disciplina para a qual cada um é chamado.

Por que razão o aprendizado é tão importante e qual é o processo pelo qual passamos enquanto aprendizes? Quando nos tornamos aprendizes de um mestre, dizemos-lhe: «Ensina-me e, em troca, prometo fazer o trabalho que me pedires para que eu possa aprender contigo». Este ato fundamental de honrar o outro, de submissão e de entrega de si mesmo é o início do ritual de todo o processo de aprendizagem. Para um indivíduo, ser tão orgulhoso, ou pior ainda, devido às visões erradas dos outros, nunca ter a liberdade de estabelecer tal relação, é excluir a possibilidade de aprender a disciplina de como aprender qualquer matéria. Toda a situação de aprendizagem é um processo de trabalho. Realizar o trabalho para o qual somos chamados permitir-nos-á aprender o máximo. Porquê? Porque a alegria de aprender o que temos de aprender, ao mesmo tempo que nos tornamos quem realmente estamos destinados a ser, aliviará o fardo de fazer o que temos de fazer para aprender essa lição.

O aprendizado é o compromisso com o processo de aprendizagem. Se começarmos pelo início como aprendizes, em vez de no meio como profissionais experientes, vivenciaremos todo o processo de aprendizagem do trabalho específico para o qual somos chamados. Em última análise, quando dominarmos esse trabalho, a nossa autoestima crescerá, assim como as nossas capacidades de descoberta e discernimento. Podemos recorrer a este processo repetidamente, à medida que cada fase da vida nos traz novas oportunidades para aprender as competências necessárias para essa fase, para que as nossas missões individuais na busca da felicidade possam ser alcançadas.

Aprender a trabalhar tornando-se aprendiz de um mestre é compreender que é através do processo de aprender a trabalhar (não através da realização de qualquer forma específica de trabalho e, em particular, não através da realização de qualquer trabalho por salário para o qual não se sinta chamado) que descobrimos quem somos e cumprimos o nosso dever mais importante, que é, como disse Sócrates, «Conhecer-se a si mesmo».

O trabalho, para os seres humanos, não é mero labutar. É a essência da disciplina e da dignidade humanas. É a expressão da curiosidade que distingue a nossa espécie. O trabalho que está em sintonia com as paixões extraprofissionais de cada membro da família e que pode ser canalizado para constituir as atividades profissionais desses indivíduos irá, com o tempo, resultar num todo familiar mais forte. Irá produzir indivíduos mais saudáveis e em constante aprendizagem ao longo da vida. Essas famílias verão o seu capital humano, intelectual e financeiro a crescer e o risco de que se concretize o provérbio «de mangas de camisa a mangas de camisa» a diminuir. É desta forma que a disciplina do trabalho constitui uma parte tão fundamental do tecido de uma família bem-sucedida.

Copyright ©1999 por James E. Hughes, Jr.

---

[1] Nesta reflexão, refiro-me à felicidade no sentido aristotélico, segundo o qual o propósito da vida de cada indivíduo é a busca bem-sucedida da felicidade através de uma vida inspirada nas virtudes da coragem, da justiça e da temperança — e que as equilibre com sucesso —, pela participação na família e na comunidade, pela apreciação da estética e, finalmente, por não causar dano aos outros. Ver Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, traduzido por J.A.K. Thomson, revisto por Hugh Tredennick, Londres. Penguin Books, 1953. [2] Csikszantmihalyi, Mihaly, Flow: *A Psicologia da Experiência Ótima*, Nova Iorque. Harper Collins, 1990.